

# Pensamento sistémico

Por Rudesindo Soutelo (\*)

Ninguém sabe como se vão organizar as sociedades que habitam este mundo se o poder não conseguir manter a ditadura financeira global. Mas todos sabem que o modelo atual é insustentável porque, segundo diz o sociólogo Edgar Morin, na sua obra *Reformar o Pensamento*: “A ciência económica isolou-se das outras dimensões humanas e sociais que lhe são inseparáveis” e “uma inteligência incapaz de encarar o contexto e o complexo planetário torna-se cega, inconsciente e irresponsável”<sup>1</sup>. São estes os especialistas que sabem quase tudo de quase nada, ou como reza no busto de Abel Salazar, no Instituto de Ciências Biomédicas do Porto: “O médico que só sabe de medicina, nem de medicina sabe”.

No século XVI, o filósofo francês Michel de Montaigne formula –no ensaio *De l'institutione dès enfans*– a primeira finalidade do ensino: “qui eust plustost la teste bien faicte, que bien pleine” [antes a cabeça bem feita, que bem cheia]<sup>2</sup>. Para lidar com os desafios da complexidade precisamos de uma cabeça apta para organizar os conhecimentos –não só

acumulá-los– e que o espírito cientista, por si só, não forma. Nos anos 60 do século XX apareceram novas disciplinas científicas que religam saberes fragmentados dando origem a novas ciências transdisciplinares, como a ecologia ou a cosmologia, e que Edgar Morin descreve como tendo “por objeto não um setor ou uma parcela, mas um sistema complexo formando um todo organizador”<sup>3</sup>.

A noção de sistema surge no século XVIII e assim, na *Encyclopédie raisonnée des sciences, des arts et des métiers* de Diderot e de Alambert, publicada entre 1750 e 1772, um dos artigos mais longos (40 páginas) é precisamente o que trata dos sistemas. Foi escrito pelo filósofo Jean-Jacques Rousseau e, em grande parte, está dedicado ao «sistema geral» das notações musicais. Referindo-se a ele, o engenheiro e professor de sistemas Jean-Louis Le Moigne anota que é “o processo de modelização mais espantoso inventado pelo espírito humano, já que permite representar inteligivelmente, reproduzir e comunicar o fenómeno mais inefável (o mais indescritível) que é possível

conhecer: a harmonia musical. No século XVIII a palavra sistema exprime muitas vezes o que nós entendemos, no século XX, por um modelo ou por um método de modelização”<sup>4</sup>.

Musicalmente, Rousseau, não passa de um diletante eloquente com gostos duvidosos. Nesse artigo da *Encyclopédie* apresenta o sistema musical do italiano Giuseppe Tartini como o mais ‘natural’, mostrando-se incapaz de perceber a transcendência do sistema de Jean-Philippe Rameau que publicara, já em 1722, o *Traité de l’harmonie*<sup>5</sup> onde resumia os princípios fundamentais que permitiram a música ocidental evoluir até aos inícios do século XX. Outro francês, Claude Bernard, em 1865 deitará por terra o mito positivista dos «sistemas naturais» quando na *Introduction à la médecine expérimentale* conclui: “Os sistemas não estão na natureza mas no espírito do homem”<sup>6</sup>.

A cabeça bem feita de Rameau estabeleceu a formação dos acordes por sobreposição de terceiras e alargou as regras da modulação para todas as tonalidades favorecendo assim a consolidação do temperamento igual –a afinação mais artificial e desafinada de quantas se tinham experimentado– mas garantiu um sistema tonal

coerente e universal com regras claras que tanto serviram a Mozart como a Berlioz. Será uma nova *Harmonia*<sup>7</sup>, publicada em 1911 por Arnold Schoenberg, outra cabeça bem feita da música ocidental, que vai culminar o sistema tonal de Rameau e abrir os caminhos da diversidade não tonal. Obviamente, não faltam, ainda hoje, os diletantes eloquentes com gostos duvidosos, e a cabeça bem cheia, incapazes de perceber a transcendência do sistema não tonal, “um sistema complexo formando um todo organizador”.

Para além de arte, a música é uma ciência sistémica que integra os paradigmas da complexidade, da instabilidade e da intersubjetividade. Isto não nega o ‘reduccionismo-mecanicista’ das musiquetas de consumo que produz a indústria cultural –assentes nos pressupostos de simplicidade, estabilidade e objetividade do pensamento cartesiano que inspira a ciência económica– mas que não oferece suficientes parâmetros para o progresso humano, revelando-se “incapaz de encarar o contexto e o complexo planetário”.

Ninguém sabe como se vai organizar a música se conseguirmos sobreviver a esta crise de valores inoculada pela

indústria cultural, mas a música é um processo de interação social que parte da invenção-criação original e, para ser comunicada e gerar valores (culturais, humanos), abrange uma pluralidade de disciplinas, pelo que não pode renunciar à sistémica, ao conhecimento do todo complexo e – utilizando as palavras de Le Moigne quando fala da reconstrução das epistemologias construtivistas– “privilegiando a interação do sujeito observador e do objeto observado mais do que a sua absoluta separação, e considerando o conhecimento mais um *projeto construído* do que um objeto *dado*”<sup>8</sup>. Em contraposição, as musiquetas são esses objetos sonoros prefabricados, com obsolescência programada, para divertimento alienante das massas por meio da praxis mecanicista ou reprodução da rotina. A complexidade não está na natureza das coisas mas sim no código que utilizamos para as interpretar.

Para ultrapassar as crises é preciso fortalecer as competências da sociedade no pensamento sistémico até

apreendermos a “complexidade do simples”<sup>9</sup>.

(\*) da Academia Galega da Língua Portuguesa. Compositor e Mestre em Educação Artística.

© 2012 by Rudesindo Soutelo

(<http://www.soutelo.eu>)

(Vila Praia de Âncora: 11-VIII-2012)

<sup>1</sup> Morin, E. (2002). *Reformar o Pensamento*. (A. P. Viveiros, Trad.) Lisboa: Instituto Piaget, p. 15-16.

<sup>2</sup> Montaigne, M. d. (2004). *Les Essais - Version HTML d'après l'édition de 1595*. Obtido em 7 de agosto de 2012, de La page de Trismégiste: <http://www.bribes.org/trismegiste/montable.htm>, cap. XXV.

<sup>3</sup> Morin, E. (2002), *op. cit.* p. 29.

<sup>4</sup> Le Moigne, J.-L. (1999). *O Construtivismo (Dos Fundamentos)* (Vol. I). (M. Mascarenhas, Trad.) Lisboa: Instituto Piaget, p. 79.

<sup>5</sup> Rameau, J.-P. (1984). *Traité de l'harmonie reduite à ses principes naturels (1722)* (Fac-simile ed.). Madrid: Arte Tripharia.

<sup>6</sup> Bernard, C. (1865). *Introduction à la médecine expérimentale*. Paris: Librairie Joseph Gibert, p. 297.

<sup>7</sup> Schoenberg, A. (1999). *Harmonia*. (M. Maluf, Trad.) São Paulo: UNESP.

<sup>8</sup> Le Moigne, J.-L. (1999), *op. cit.* pp. 72-73.

<sup>9</sup> Soutelo, R. (2010). *A complexidade do simples (Criação do Conto Musical 'A Caixa dos Laços')*. Dissertação de Mestrado (ESE-IPVC). Vila Praia de Âncora: Autor.

Publicado em:

**A Aurora do Lima** (Viana do Castelo), Ano 157 nº 60, 25-X-2012, p. 7

**As Artes entre as Letras** (Porto), nº 102 17-VII-2013, p. 17, (<http://www.artesentreasletras.com.pt>)